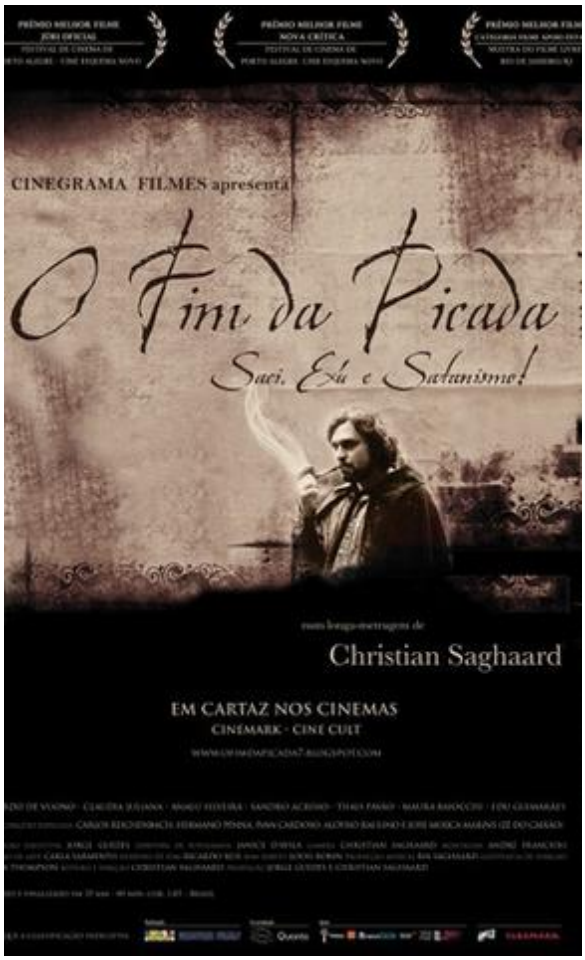
INSÓLITA
ANO 2
VOL. 2
NÚMERO 3
JANEIRO – JUNHO 2022
ISSN: 2764-054X
REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO INSÓLITO, DA FANTASIA E DO IMAGINÁRIO

O Fim da Picada e o início do caos

Cristian Verardi[1]



Cartaz do filme *O Fim da Picada* (2008)

O ano de 2008 foi marcado pelo avigoramento do gênero fantástico no cinema brasileiro, uma categoria, que apesar de seu grande apelo popular, e de constar registro de sua presença em nossa filmografia desde a década de 1930, nunca se firmou como um movimento efetivo dentro de nossa instável indústria cinematográfica ao ponto de gerar uma sólida tradição de realizadores dedicados ao tema. Salvo notórias exceções, como no caso dos diretores José Mojica Marins e Ivan

[1] Cristian Verardi é Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande de Sul. É crítico, cineasta, ator e produtor cultural.

Cardoso, o fantástico e o horror em nosso cinema sempre despontaram de forma pontual nas mãos de realizadores interessados em explorar ocasionalmente as possibilidades narrativas do gênero.

Contudo, enquanto *Encarnação do Demônio* (2008), do veterano José Mojica Marins, e *Mangue Negro* (2008), do então estreante Rodrigo Aragão, encabeçavam neste período em questão uma onda de interesse pelo cinema de horror produzido no país, apontando novas perspectivas para o gênero em nossa filmografia, outra obra de viés fantástico, mas com uma abordagem divergente, experimental, iniciava sua trajetória de maneira distinta pelos festivais de cinema país afora, *O Fim da Picada* (2008), do realizador paulista Christian Saghaard.

Enquanto José Mojica Marins conferia vida mais uma vez ao seu icônico personagem Zé do Caixão, para compor o desfecho de uma trilogia iniciada em 1964 com *À Meia Noite Levarei Sua Alma*, e *Mangue Negro*, de Rodrigo Aragão, transplantava o universo pop e sanguinolento dos filmes de zumbis para uma rústica aldeia de pescadores, Saghaard buscava o horror e a estranheza em fontes díspares, mesclando a literatura romântica brasileira do século XIX e a linguagem anárquica do Cinema Marginal para refletir sobre os males que assombram o Brasil contemporâneo.

Christian Saghaard havia demonstrado antes seu interesse pela estética e pelos códigos pertinentes ao cinema de horror, assim como pela experimentação radical da linguagem, em seu curta-metragem *Demônios* (2003), uma alucinante incursão por uma São Paulo de pesadelos repleta de figuras marginais. Em *O Fim da Picada*, sua estreia na direção de um longa-metragem, a capital paulista tornou a ser o palco central de suas elucubrações endiabradas em uma adaptação livre e subversiva da peça teatral *Macário*, do escritor romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852).

Saghaard utiliza a obra de Azevedo como ponto de partida para conceber uma trama regida pelo signo do caos, e para tanto promove uma adequação de elementos comuns à literatura romântica, como a obsessão pela morte, a fascinação pelo imaginário diabólico, o hedonismo, o tédio existencial, e o horror metafísico, para se conectar com os terrores urbanos de uma São Paulo acometida pelos males da modernidade.

E no entanto, se ecoam referências literárias a geração Mal do Século, e transbordam citações ao satanismo e a princípios da magia hermética - "O que está em cima é como o que está embaixo"-, a figura do Diabo europeizado é substituída por uma entidade feminina típica das religiões de matriz africana, e fervilham outros personagens saídos de nosso folclore, reforçando a intenção de perverter o texto original, tanto na estética como na questão narrativa, num processo de radicalização da experiência cinemática, que Jairo Ferreira, o alucinado pensador da Boca do Lixo definiria como "transluciferação":

> O experimental em nosso cinema se apoia na arte como tradição / tradução / transluciferação. Utiliza-se de todos os recursos existentes e os transfigura em novos signos em alta rotação estética: é um cinema interessado em novas percepções que conduzam ao inesperado, explorando novas áreas da consciência, revelando novos horizontes do im/provável. (FERREIRA, 2000, p. 23)

Por fim, a miséria, a violência, e a injustiça social, são ingredientes que se agregam a história na construção de um painel anárquico e infernal que reverencia tanto as convenções de gênero do horror como o atrevimento narrativo típico do Cinema Marginal.

O enredo de *O Fim da Picada* tem início no ano de 1850, mantendo relativa proximidade com o imaginário romântico e a atmosfera tétrica concebida por Álvares de Azevedo, autor influenciado por Byron e Hoffmann em suas fantasmagorias, porém, com presteza Saghaard torna evidente que não intencionava realizar uma adaptação *ipsis litteris* da obra, mas sim um tributo à experimentação cinemática, uma ode de horror ao Cinema de Invenção que tanto abrilhantou a cinematografia paulista.

O jovem libertino Macário (Ricardo de Vuono), segue em seu burro rumo a cidade de São Paulo após participar de uma orgia à beira mar repleta de excessos, que culmina num grotesco ato de necrofilia acompanhado de uma espécie de missa satânica. Durante a viagem Macário pernoita em uma estalagem, onde se embriaga de vinho na companhia de uma mulher negra e corpulenta (Cláudia Juliana) que se apresenta como sendo o próprio Diabo, ou, como também se intitula, Lebara, Exu Mulher. Extasiado por se encontrar na companhia de uma entidade que compreende tanto suas aspirações heréticas como seus arroubos de luxúria, Macário se deixa guiar pela figura diabólica através de uma picada na mata até chegar na grande metrópole paulista. É a partir deste ponto, do fim da picada, que emergem as verdadeiras intenções do filme após uma ruptura em sua diegese, tanto na estética como no espaço-tempo.

Após ser recepcionado em uma estrada por uma limusine conduzida por um motorista fantasiado de Mickey Mouse, Macário é abandonado no centro da cidade em pleno século XXI, e diante de uma loucura maior do que seus anseios ultrarromânticos poderiam antecipar, o personagem é absorvido pela metrópole, vagando pelas ruas feito um indigente num estado de constante delírio, entorpecido pela emanação de fumaça, elemento recorrente que perpassa a trama em uma franca referência ao texto original de Azevedo, que associa os vapores a efemeridade das coisas, como reflete na obra o próprio Diabo: "E demais o que é tudo no mundo senão vapor? A adoração é incenso e o incenso o que é? O amor é o vapor do coração que embebeda os sentidos. Tu sabes - a glória é fumaça."

Em prol de um desenvolvimento que opta por caminhos sinuosos e imprevisíveis, Saghaard abandona não apenas a estrutura clássica, como também o próprio protagonista, que sai de cena para dar voz a outros personagens que orbitam a trama, cada qual com características que descambam para o terreno do fantástico, feito o ambulante que coloca o próprio olho à venda (de imediato arrancado com uma faca), ou o garoto pobre e negro que passa os dias cheirando cola, até ser caçado por um Capitão do Mato moderno e se transformar em um Saci Pererê urbano, ou a pequeno-burguesa que teme a criminalidade além dos limites de seu condomínio de luxo, mas não se comove com o sangue de uma criança de rua sujando o para-brisa de seu carro, e mesmo quando tem a sua cabeça decapitada em um acidente sanguinolento, segue de modo habitual para se exercitar em uma academia, tal como uma Mula sem cabeça da era do Crossfit.

A opção em buscar numa obra do Romantismo a fagulha primordial de *O Fim da Picada* causa menos estranheza quando nos deparamos com as palavras de Alfredo Bosi a respeito deste período: "A natureza romântica é expressiva (...). Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação." (BOSI, 2017, p. 97) E assim, os devaneios macabros (ou seriam transluciferações?) de Saghaard, encontram respaldo na imaginação romântica para que ele decomponha com horror e deboche os estranhos habitantes de uma São Paulo fantástica, de fumaça, rutilância e sombras.

A participação especial de figuras proeminentes da cena cinematográfica paulistana, em especial daqueles oriundos da Boca do Lixo e dos experimentos marginais, como Carlos Reichembach, José Mojica Marins, Aloysio Raulino e Hermano Penna, transparece ainda mais a intenção de se realizar um filme tributo que honrasse uma escola de cinema que prezava pela transgressão da linguagem. Também é digna de nota a curiosa presença do cineasta carioca Ivan Cardoso no papel do ambulante que arranca o próprio olho, pois além de reverenciar um perseverante realizador do horror nacional, também serve como uma brincadeira referencial com o fato de o mesmo ter realizado um curta-metragem adaptando *História do Olho*, de Georges Bataille.

O cinema fantástico brasileiro foi ganhando corpo no decorrer da década seguinte ao lançamento de *O Fim da Picada*. Uma nova geração de realizadores começou a se dedicar de forma apaixonada ao gênero, e outros diretores mais antigos mostraram-se menos tímidos em assumir projetos desta natureza. E mesmo que o filme não tenha repercutido popularmente na época da mesma forma que seus pares, talvez por não seguir as fórmulas narrativas convencionais, sendo prejudicado pelo diabolismo experimental que o transforma em uma peça tão única, o seu nome

será indelével quando voltarmos o nosso olhar para as obras que auxiliaram a sedimentar uma tradição de cinema de horror tipicamente brasileira.

No final das contas, quem sabe Macário, essa figura maldita deslocada de seu tempo, transportada do universo romântico do século XIX, com seu imaginário iconoclasta, de blasfêmias e orgias sacrílegas, para ser confrontada com os horrores provocados pela modernidade e pelo caos social de uma grande metrópole do século XXI, siga perdida entre nós, convertida em pária delirante, ecoando pelas ruas vaticínios Sganzerlianos, anunciando que no fim das contas "tudo vai explodir", que após o fim da picada tudo é caos, tudo é pandemônio. Ou como diria Satã na obra de Alvares de Azevedo: "É doloroso. Mas o mundo é do Diabo, assim com o céu é dos tolos".

Referências

AZEVEDO, Álvares de. **Macário.** 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BATAILLE, Georges. **A História do Olho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOSI, Alfredo. 2017. História Concisa da Literatura Brasileira. 51.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

FEREIRA, Jairo. **Cinema de invenção**. São Paulo: Editora Lumiar, 2000.

O FIM DA PICADA, Dir. Christian Saghaard, São Paulo/Brasil, 2008. Cor. 80 min. 35mm.

submetido em: 22 jun. 2022 | aprovado em: 06 jul. 2022